

Apropriação e resignificação dos espaços nas Malvinas: reflexões sobre a experiência do lazer

Denise Guimarães dos Santos
Elaine Melo de Brito Costa Lemos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LEMONS, EMBC., DANTAS, ER., and CHAO, CHN., orgs. *De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 184 p. ISBN 978-85-7879-026-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apropriação e resignificação dos espaços nas Malvinas: reflexões sobre a experiência do lazer

Denise Guimarães dos Santos
Elaine Melo de Brito Costa Lemos

O surgimento da comunidade Malvinas

O antigo Conjunto Álvaro Gaudêncio, hoje denominado bairro das Malvinas, é uma das comunidades mais populosas de Campina Grande, que segundo IBGE (2002) apresenta um número superior a 36 mil habitantes. Localiza-se na zona oeste do município, e faz fronteira com as comunidades Dinamérica, Tambor e Ramadinha.

O modo como o bairro nasceu e a forma como se deu seu crescimento é um importante fator a ser localizado para o entendimento e a identificação dos problemas sociais e estruturais encontrados hoje no bairro Malvinas, bem como a relação que a comunidade tem com o lazer e o convívio social. O lazer apresenta como um de seus promotores o processo de urbanização estando intimamente relacionados, onde sua inclusão na observação da dinâmica cultural da sociedade precisa ser parâmetro para sua análise (BRUHNS, 1997). Reforçando essa discussão apresentada pela autora, Almeida (2008, p. 23) afirma que “a urbanização é um dos elementos chave para compreender o lazer. O lazer tem um amplo desenvolvimento na urbanização, absorvendo elementos da cultura, das artes e das relações sociais”.

O processo urbanístico apresenta estreita relação com o espaço e o tempo, onde suas características e nuances adquirem novos significados a cada momento temporal e espacial. Nesta dinâmica, Pellegrin (1999) inclui o indivíduo e a sociedade como um todo, que diante do tempo dialoga com esse espaço, estabelecendo além da interação uma apropriação do mesmo. A autora ainda discorre que:

Trava-se, pois, um diálogo entre seres humanos e espaços, através da História, impregnado de valores sócio culturais. A relação que se estabelece entre ser humano e espaço caracteriza-se por uma movimentação constante, algo assim como uma discussão infinita, onde permeiam os valores e os momentos de uma determinada sociedade.

Nessa perspectiva, os espaços utilizados, na comunidade, adquirem, para seus moradores, um significado próprio, revelando o sentimento de luta e conquista presente nos integrantes do bairro Malvinas. Para Rechia (2003, p.14), a existência dos espaços públicos depende do significado que a comunidade lhe concede, o qual “muitas vezes está relacionado com as formas de apropriação e o uso no plano da vida cotidiana, gerados ao longo do tempo, tornando-se referencial para o lugar”.

Esse referencial delinea a forma como os moradores do bairro em foco agem em busca de seus ideais coletivos reivindicando seus direitos. Tal postura tornou-se motivo de orgulho e identidade para os moradores das Malvinas, o que fica bem representado nos spectos simbólicos¹ de sua bandeira (Imagem 1) criada a partir de um concurso realizado nas escolas da comunidade, e na letra de seu hino, que existe desde 1987, com um trecho destacado a seguir:

1 Significado dos cinco pontos simbólicos na bandeira das Malvinas

- *Escadas*: representam as duas porteiças que fechavam o conjunto, que apresentava duas saídas vigiadas por policiais para impedir a saída e entrada de qualquer um dos invasores.
- *Muro*: falta de interesse dos políticos em resolver a situação.
- *Escudo*: proteção, organização dos moradores.
- *Ferramentas*: ter acesso e fazer a limpeza das casas.
- *Mão*: fé em Deus.

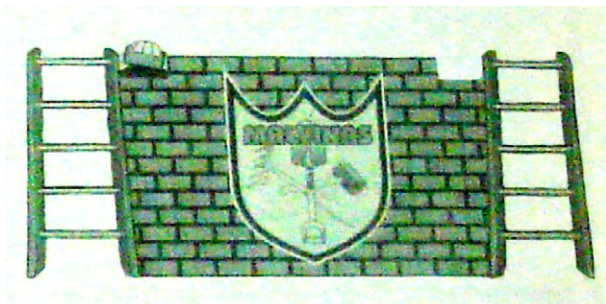


Imagem 01: Bandeira das Malvinas

Minha Malvinas querida
Relembro a sua invasão
Onde um povo bravo e unido
Conquistou sua habitação(...)
Muito lutou esse povo
Na época da invasão
Faltava luz, água e muito mais
Faltava no povo a paz
Hoje há paz, respeito e união(...)
Oh! Malvinas querida
Tu és fruto de um povo herói (...)

(Trechos do Hino do bairro das Malvinas)

O bairro Malvinas surgiu a partir de um conjunto de casas construídas pela CEHAP (Companhia Estadual de Habitação Popular) na década de 80. Esse conjunto era destinado aos servidores estaduais, porém quando foram concluídas as construções, em 1983, faltava infraestrutura mínima para habitação como água, energia e rede de esgoto. As casas não foram entregues aos servidores, e mediante a falta de providências dos órgãos competentes para a conclusão definitiva da obra, em 23 de março do mesmo ano, aconteceu a invasão deste conjunto habitacional.

A invasão foi realizada por famílias que afirmavam não ter onde morar; o processo de ocupação levou três dias com resistência a investidas do governo e cercos policiais, como visualiza-se na Imagem

2. O conjunto continha 3.300 casas abandonadas, dispostas em uma área de 18 mil metros quadrados divididos em cinco conjuntos, Bodocongó I, II, III, IV e V; essas residências foram ocupadas por sem-tetos provenientes dos bairros de Santa Rosa, Bodocongó, Centenário, José Pinheiro, Pedregal e Cruzeiro. (MIGUEL; SILVA, 2007).



Imagem 02: Policiamento em uma das saídas do Conjunto Álvaro Gaudêncio.

Fonte: Gazeta do Sertão (1983)

As décadas, entre os anos 60 e 80, foram um período bastante marcado pelas invasões em Campina Grande, sobretudo em virtude de uma grande área da malha urbana (31%) estar sob domínio de apenas 20 pessoas, sem desempenhar qualquer função social, além do grande déficit habitacional (MELO, 1988). O surgimento de movimentos por melhores condições de vida no que se refere a questões urbanas, como habitação e saneamento, nesse período citado e principalmente nos anos 80, é consequência da inexistência de uma política nacional capaz de observar os aspectos do desenvolvimento urbano. (NETO; CASTRO, 2007, p. 157)

Tais movimentos, gerados de forma espontânea ou planejada, foram movidos diante da extrema necessidade da população; ainda assim, conforme Melo (1988), existiam também os aproveitadores que tiravam vantagem do momento para obtenção de benefício próprio mediante a especulação imobiliária, mas essa foi uma situação não muito representativa, a qual era denunciada pelos próprios invasores.

Outra forma de especulação imobiliária, em nosso entendimento, foi o fato de famílias, no momento da invasão, dividirem-se em busca de um maior número possível de casas; assim o pai ficava em uma, a mãe em outra, o filho em mais uma. Dessa forma seguiu até o momento da regularização das casas que só foi permitido o registro de uma residência por família; com isso as famílias foram obrigadas a se desfazerem das outras casas, e como não queriam perder nada as vendiam por valores irrisórios. Isso foi identificado na fala de um antigo morador do bairro, que segundo relato, sua própria casa foi adquirida em troca de uma bicicleta.

Após alguns meses de conflito, o governo cedeu o direito das casas às famílias mediante pagamento das prestações das mesmas. No momento de regularização, foi constatado que a maioria dos ocupantes não teria condição para quitar as casas simplesmente pelo fato de serem moradores de rua e não terem nenhuma renda.

Somente cinco anos depois, já no segundo mandato do governo responsável pela construção do conjunto, que a infra-estrutura mínima para atender aos moradores começou a ser implantada (MELO, 1988). O mesmo passou a ser bairro em 1987, através da Lei Municipal número 1.542, sancionada pelo prefeito da época.

O nome Malvinas veio do conflito militar, que ocorria na mesma época da invasão, o das Ilhas Falkland, popularmente conhecidas como Ilhas Malvinas, localizadas ao extremo sul da América Latina. Daí por diante, o bairro só fez crescer, e desordenadamente, refletindo numa ausência de política urbana, mesmo com parcerias na construção civil da CEHAP, Caixa Econômica, etc.

A comunidade cresceu, e atualmente o bairro apresenta oito conjuntos habitacionais (cinco da CEHAP e três da Caixa Econômica Federal), além de um loteamento particular (Grande Campina) com mais de 300 casas habitadas – os quais apresentam organizações comunitárias próprias; consequência disso foi a dificuldade para nossa pesquisa contactar as organizações que pudessem expor com mais detalhes a realidade do bairro como um todo. O bairro possui oito escolas (seis estaduais e duas municipais), cinco creches, cinco² centros de saúde,

2 Cinco centros de saúde que contemplam dez equipes de saúde; dado atualizado com a

uma delegacia, uma rádio comunitária e muitos estabelecimentos comerciais. (MIGUEL; SILVA, 2007)

Resignificações dos espaços para a vivência do lazer

Atualmente a comunidade “concentra um número considerável de residência, a maioria das ruas é calçada, não há praças, nem sistemas aquáticos, há carência de árvores e os resíduos sólidos são descartados em terrenos baldios, apesar da coleta regular realizada pela prefeitura” (OLIVEIRA e SILVA, 2007, p. 218). Hoje analisando a estrutura física da comunidade percebe-se a despreocupação, por parte do poder público, com áreas específicas para a convivência social.

Considerando os discursos da direção da Escola Lafayette Cavalcanti, entrevista e pesquisa de campo, percebeu-se, nas Malvinas, essa carência de espaços e equipamentos destinados ao lazer dos moradores, e a maioria dos que existem não apresenta estrutura satisfatória para a experiência plena do lazer. A partir dessa percepção e dos dados coletados em campo, obteve-se o levantamento dos seguintes espaços e equipamentos de lazer:

	Quant.*	Estado	Identificação do Espaço
Terrenos Baldios	--	Espaços desnivelados, apresentando mato, utilizados para criação de animais. Há também os espaços de terra batida. Há pontos com lixo	Espaço identificado pela gestora da escola e pelos pesquisadores
Ruas	--	As ruas, em sua maioria, são calçadas ou asfaltadas. Algumas ruas de terra apresentam esgoto a céu aberto	Espaço identificado pela gestora da escola e pelos pesquisadores
Área da escola	1	Grande espaço livre com pátio em bom estado de conservação. Contém um tanque de cimento que as crianças pulam de cima.	Espaço identificado pela gestora da escola

pesquisa de campo. Na época da publicação, 2007, existia apenas um centro de saúde.

Giradouro (Avenida Floriano Peixoto)	1	Obra recente para organização da malha viária local. Contém uma estrutura decorativa e plantas ornamentais	Espaço observado pelos pesquisadores
Mercado das Malvinas	1	Espaço recentemente reformado, apresenta toda parte estrutural conservada	Espaço observado pelos pesquisadores
Lan-houses e casas de jogos eletrônicos	--	Espaços privados	Espaço identificado pela gestora da escola
Rede de canais coletores	1	A pista para caminhada apresenta grandes buracos para o esgoto, o que faz os usuários caminharem no asfalto próximo aos carros.	Equipamento observado pelos pesquisadores
Campos de futebol	9	Alguns apresentam traves, demarcações e gramado. Outros apresentam apenas traves; existem também os espaços que não têm nenhum elemento que identifique, mas são utilizados pelos moradores como campos de futebol	Equipamento identificado pela gestora da escola e pelos pesquisadores
Campos e quadras de futebol particulares	--	Apresentam toda a estrutura necessária para a modalidade, com refletores e campo gramado	Equipamento identificado pela gestora da escola
Quadra de areia presente na escola	1	Com pouca areia e sem traves	Equipamento identificado pela gestora da escola
Ginásio poliesportivo (CAIC)	1	A cobertura do Ginásio apresenta buracos pela degradação e sua estrutura está enferrujando. Em torno do ginásio há grande quantidade de mato e alguns pontos com lixo	Equipamento observado pelos pesquisadores
Canal do Bodocongó (trecho final que limita pequena área do bairro)	1	Obra recente encontra-se em bom estado de conservação. Apresenta pista de caminhada e ciclovia	Equipamento observado pelos pesquisadores

Quadro 01 - Espaços e Equipamentos de Lazer: Quantidade e Qualidade

* Considerando a extensão territorial do bairro das Malvinas não foi possível quantificar alguns espaços utilizados pelos moradores em momentos livres, como por exemplo, as ruas.

Focalizamos, nesse instante, pontos de reflexão sobre os espaços e equipamento de lazer destacando alguns deles. Iniciemos, então, pelo relato da Diretora da Escola Municipal:

Não existem áreas de lazer no bairro, embora não more aqui, mas eu conheço o bairro em todas as suas dimensões e sei que tem muitos problemas, então um dos grandes problemas do bairro das Malvinas é a questão da área de lazer, nós não temos no bairro uma praça, nós não temos um parque, nós não temos uma quadra, eles jogam assim nos campos, sem nenhuma estrutura.

É perceptível, neste discurso, a menção da praça e dos parques como espaços que remetem o desenvolvimento das relações sociais e do espírito de comunidade, como trata Gastal (2005), a praça se mantém como fixa, pois está solidamente consolidada no imaginário urbano e se configura como elemento central da cidade. Diante da inexistência da praça, os moradores criaram estratégias que promovam interações entre os sujeitos na comunidade Malvinas. Percebemos, então, a apropriação e resignificação das encostas dos canais como espaço de encontro onde sentam, conversam e andam de bicicleta, como é observado na Imagem 03, usufruindo de alguns aspectos que por definição uma praça pode oferecer, como por exemplo, conversas, encontros, discussões ou simplesmente para passar o tempo, conforme trata Sousa (2004).

Mesmo identificando que os moradores atribuíram outros significados a tais encostas de canais, o estudo defende a existência de um espaço específico, urbanizado para a finalidade da praça ou do parque, considerando sobretudo os anseios daqueles que irão desfrutá-los. Entendemos a urgência de potencializar a experiência de divertimento, de descanso, de desenvolvimento humano a partir da ação do poder público em parceria com o privado, o terceiro setor e a comunidade, pois como enfatiza a mesma imagem 03, esse convívio humano que acontece embaixo das árvores é um canteiro que divide duas pistas asfaltadas que pressupõe movimentação constante de veículos, colocando em risco a segurança dos que ali compartilham suas vivências.



Imagem 03: Moradores sentados nas encostas do canal.

Fonte: Arquivo GCEM

O Mercado das Malvinas também foi resignificado pelos moradores do bairro, configurando-se como um espaço para além do ato de compra e venda de mercadorias, ao promover o convívio social, manifestações culturais e palestras sobre educação, saúde e serviços sociais públicos. Afirmamos, então, que, com base em Marcellino et. al. (2008), o Mercado das Malvinas trata-se de um caso de adaptação ou de novo uso pelos moradores, de um espaço planejado para um fim diferente do qual é utilizado. Esse espaço concebido para o aspecto comercial é também um espaço de lazer e de prestação de serviços públicos ligados à saúde e educação. É um espaço multifuncional. Apesar disso, não se diminui a necessidade de espaços e equipamentos de lazer para o bairro, viabilizados por políticas públicas.

Persiste então a discussão sobre espaço de lazer ideal e o que acontece, no cotidiano da comunidade, o espaço de lazer real. Nas Malvinas, não existem tantos espaços projetados para o lazer, no entanto o lazer é vivenciado seja na extensa rede de canais que integram o espaço público, nos descampados utilizados de diversas formas, ou no Mercado das Malvinas onde pequenos shows são promovidos. Ainda assim não se descarta a obrigação do poder público e suas parcerias em propiciar melhores condições de lazer, o espaço ideal; como por exemplo, o aproveitamento dos espaços que são utilizados para os momentos

livres, os quais já são compreendidos pelos indivíduos como tal, para a construção de quadras, parques e praças.

Os espaços e equipamentos de lazer são importantes por proporcionarem diferentes formas de uso favorecendo a interação dos indivíduos. No entanto, percebe-se que essas dimensões do lazer não se configuram como prioridade nas ações de políticas públicas da cidade de Campina Grande.

Os espaços públicos não são pensados para se tornarem locais de permanência e convívio social, os quais, conforme argumenta Lima (2006) em sua tese, são especulados pelo poder público para a ampliação de espaços de passagem ou circulação, como ruas de acesso e alargamento de avenidas. Quando são planejados para o fim de interação social e lazer, esses espaços geralmente não apresentam estruturas necessárias para tal uso, como “bancos, fontes de água e bebedouros, ou arborização, quadras poliesportivas, etc. Nessas condições, não se tornam áreas convidativas à permanência e, conseqüentemente, à convivência social” (p. 86).

As quadras e campos de futebol bem como os terrenos baldios existentes, no bairro, ainda não sofreram intervenção do poder público, sendo mantidos pela própria população para seu uso da forma possível. Nesses espaços, ocorrem os torneios de futebol das Malvinas, como também as brincadeiras populares observadas pela pesquisa de campo.

Essas brincadeiras foram citadas pela Diretora da escola como atividades que as crianças exerciam dentro da escola, como destacadas no trecho a seguir:

...brincam no pátio, brincam de corda, brincam de bola, brincam de bolinhas de gude... sem nenhuma orientação... futebol é o preferido deles. E tem outros joguinhos que eles gostam muito que eles chamam de jogo de prego, é como se fosse um campinho, um tabuleirozinho, todo marcadinho com pregos.

Com as visitas à comunidade, observou-se que essas brincadeiras também eram vivenciadas pelas crianças nas ruas, como destacado na

Imagem 04. Assim, as atividades que ocorrem dentro da escola citadas pela Diretora, refletem a vivência destas crianças em outros momentos fora do ambiente escolar, apesar da mesma alegar que, quando fora de horário escolar, as crianças não têm nenhuma outra ocupação senão as casas de jogos e *lan-houses* ou assistir televisão em casa, observado na seguinte afirmação:

Eu acredito que nesse tempo livre estão nas lanhouses ou nos mini-games ou não sei o que elas fazem, talvez diante de uma televisão... lamentavelmente as crianças não dispõem de nenhuma área de lazer.

Considerando importante essa troca de experiências da criança, acreditamos que a escola possui uma função social e pedagógica no sentido de reconhecer o cotidiano lúdico e transformá-lo em conhecimento que forme, eduque a criança para o lazer numa perspectiva de desenvolvimento humano.



Imagem 04: Crianças brincando: a ambivalência do riso.
Fonte: Arquivo GCEM

Rechia (2006) em seu estudo que trata o jogo dentro do ambiente escolar, discorre que a escola representa também um espaço de recriação das práticas sociais, e o jogo, vivenciado também fora da escola, potencializa as relações pessoais, possibilitando condições significativas para a formação humana. A autora ainda destaca que...

...essas práticas são oriundas da cultura popular, as quais são conseqüências de um processo histórico, provindo da experiência do brincar, jogar e divertir-se com o próprio corpo em tempo/espaços diversificados. As crianças demonstram-se criativas, inventivas e autônomas e repassam aos colegas jogos e brincadeiras vividos fora da escola, ou seja, na rua, na praça, na própria casa.

Ainda inspirando-se na imagem 04, não podemos passar despercebidos quanto às condições deste equipamento de lazer: extensa área, trave de futebol, pedras, buracos, lama no exato local onde as crianças brincam. De um lado, a alegria, o prazer, a vivência do lúdico de forma aparentemente inquestionável; do outro, os riscos do terreno acidentado e com lama, podendo trazer danos à saúde e à segurança. Essa imagem nos remete à ambivalência do riso discutida por Bauman (2003) baseando-se em Milan Kundera na qual trazemos para a vivência do lazer. O riso destas crianças pode representar o lado mau, em função daquele espaço e equipamento não serem “componentes dinâmicos de uma política pública de lazer” (Marcellino et. al., 2008) ideais e confiáveis como talvez gostariam que fossem, mas há, também no mesmo riso, um lado bom, no sentido em que tal espaço e equipamento permitirem o brincar com o outro, tornando-se menos problemáticos quanto parecem.

O Giradouro localizado, no trecho final do Canal de Bodocongô (imagem 5) juntamente com a extensa rede de canais coletores do bairro (imagem 6), configuram-se como umas das poucas ações do poder público, nas Malvinas, no que se refere à organização da malha viária e à saúde pública. O objetivo principal foi a revitalização dos canais pelo desenvolvimento urbanístico trazendo benefícios no aspecto da saúde coletiva. Esses locais foram apropriados e resignificados pelos moradores sendo muito utilizados para atividades de caminhadas e

passeios de bicicleta, bem como brincadeiras infantis, e também ponto de encontro para momentos de descontração.

Outro espaço identificado, no bairro, e bastante utilizado pelos moradores, mesmo diante de sua precária conservação, é o Centro de Atenção Integral à Criança, o CAIC, que apresenta uma estrutura considerável contemplando um ginásio poliesportivo, uma quadra de areia e um espaço utilizado como pista de skate. O CAIC é um espaço utilizado para realizações de eventos do bairro como copas de futsal, movimentos religiosos e manifestações de cunho público, como palestras educativas e prestações de serviços promovidos pelo poder público.



Imagem 05: Crianças brincando no giradouro

Fonte: Arquivo GCEM



Imagem 06: Trecho do canal deteriorado: o convívio social em meio ao perigo e ao mau cheiro.

Fonte: Arquivo GCEM

Com exceção do Canal do Bodocongó, do Giradouro e do Mercado das Malvinas, é possível observar a má conservação dos demais espaços e equipamentos, mesmo aqueles que tiveram, em algum momento, intervenção do poder público, como é o caso da rede de canais coletores do bairro.

A manutenção desses espaços em estado precário não se configura como uma ação ativa por parte do poder público; prova disso é a situação da rede de canais que apresenta vários trechos de sua extensão danificados com exposição do córrego que passa por baixo da pista para caminhar, como é visualizado na Imagem 06, o que pode causar acidentes com adultos e crianças bem como expor a população a condições de pouca higiene. Outro exemplo bem significativo é o CAIC, que além de apresentar toda sua estrutura deteriorada, apresenta seus arredores com um extenso matagal e pontos de lixo acumulado, demonstrando estado de abandono. Diante desses dois exemplos apresentados, destaca-se a obrigatoriedade do poder público em agir objetivando o reverter essas situações; como também o dever da população com tais espaços e equipamentos, entendendo que por serem públicos, trata-se de bens coletivos, caracterizando como obrigação de todos (poder público, setor privado e sociedade) o cuidado com os mesmos.

Não poderíamos deixar de refletir sobre a importância do espaço e equipamento fundamentando-nos, nesse instante, em Marcellino et. al. (2008), como sendo componentes dinâmicos de política pública de lazer em diálogo permanente com a política urbana. Um dos eixos norteadores relacionados a tais componentes é a sua democratização e a participação das comunidades na concepção de políticas públicas. De acordo com os autores, a democratização do lazer implica em democratização do espaço, onde o lazer efetiva-se na correspondência entre o tempo e o espaço disponíveis.

Dialogando ainda com os autores supracitados e focalizando o olhar para as Malvinas, a relação entre lazer e espaço urbano, nesta comunidade, existem lacunas causadas pelo próprio crescimento do bairro, como apresentado no início deste texto, em que a aceleração da população não vem acompanhada pelo desenvolvimento planejado de sua infraestrutura adequada, porém ainda percebem-se espaços vazios no bairro, mas não se trata de espaços urbanizados.

Analisaremos, logo em seguida, a participação popular na reivindicação e conquista de espaço e equipamento de lazer para as Malvinas, mas antes queremos lembrar o uso multifuncional do espaço público, onde nesta comunidade, a rua e o mercado públicos são locais de encontro, de prazer, de informação, de festa. As Malvinas ainda apresentam o espaço para além da circulação e de trabalho que foram resignificados pelos moradores. Portanto, o estudo acredita que ainda dá tempo de ser constituída e efetivada uma política pública de lazer, na cidade de Campina Grande, juntamente com a política urbana que concilie o crescimento do bairro com os espaços e equipamentos (destacados nesse texto) com potencial para a experiência do lazer para o desenvolvimento humano e a transformação social.

O lazer como objeto de reivindicação social: a participação de entidades comunitárias

Desde o surgimento das Malvinas, percebe-se uma atitude de luta dos moradores, que mesmo diante de situações adversas e condições

sócioeconômicas restritas, buscam a melhoria e o bem-estar coletivo numa mobilização social que, por sua vez, significa, de acordo com Toro e Werneck (2007), um agir em função da ação coletiva em busca de um propósito comum, quando pessoas da comunidade decidem e agem com um objetivo comum, buscando, no dia-a-dia, tomadas de decisões e desejos coletivos.

Por muito tempo a população, que só crescia, exigiu melhorias nas condições da comunidade, expondo a necessidade de beneficiamento na infraestrutura da mesma, como pavimentação das ruas e recuperação da rede de drenagem pluvial.

A mesma exigência foi feita no que se refere à rede de canais construídos na maioria dos córregos do bairro; quando os canais foram cobertos, a comunidade foi beneficiada, não só no aspecto da saúde, pela questão de deixar as ruas mais limpas, e transformarem-se, posteriormente, em um dos poucos pontos de lazer por meio da prática da atividade física (caminhadas e ciclismo). Como aborda Chemin (2008), a promoção da saúde objetivando o bem-estar e desenvolvimento humano, sob encargo do poder público e da sociedade como um todo, considera a eficaz realização do lazer a todos os indivíduos, podendo possibilitar a vida mais saudável destes.

A promoção da saúde se destina a atuar nos determinantes da saúde e criar alternativas saudáveis para a população, com ações e condições relacionadas à saúde, abrangendo os conteúdos sóciopolíticos, ecológicos e sócioculturais. Nessa perspectiva, a intervenção nos canais coletores das Malvinas bem como a inserção de novos elementos desta natureza, no bairro, caracterizariam ação voltada à promoção da saúde, pois disponibilizariam condições para uma vivência saudável transcendendo a visão biologicista, bem como, ampliando a definição de saúde para além da OMS (Organização Mundial da Saúde) como sendo *um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade*, que corroborando com Palma et. al. (2003), tal definição deixa implícita a inviabilidade deste propósito ser atingido em função da expressão *completo* bem-estar, além da dimensão social desta definição parecer surgir somente para incorporar uma das vertentes da vida do ser humano sem considerar;

com profundidade, sua dinâmica e relevância para compreensão do fenômeno.

Nesse sentido, compartilhando com as reflexões de Palma et. al. (2003, p. 25), a dimensão da saúde deve transcender a visão linear puramente anatomo-fisiológica, pois a promoção da saúde está ligada a um conjunto de ações do poder público destinado à viabilização de políticas voltadas para a melhoria da condição de vida da sociedade, com o reconhecimento desse direito; assim “ao se tratar de promoção de saúde não se ressalta somente a cobertura e acesso aos serviços de saúde, mas, antes, as inter-relações com a equidade social”. Destaca-se ainda, de acordo com os autores, o fenômeno saúde, na VII Conferência Nacional, como resultante de várias condições da vida humana, dentre elas, o lazer. Entendemos, então, que saúde, lazer, educação, dentre outras são dimensões existenciais que devem dialogar entre si, pois suas interfaces delineiam o desenvolvimento humano e efetivam a transformação social.

Reforçamos, então, a urgência do diálogo entre política pública de lazer, de saúde, de educação e a política urbana, não somente no sentido de implementar, mas de acompanhar e avaliar as ações desenvolvidas, e ao mesmo tempo, da inserção e participação popular. Tais políticas também devem contemplar os propósitos de manter aquilo que foi promovido, tanto estruturalmente quanto ao uso e ações desenvolvidas. Por exemplo, a falta de manutenção nos canais do bairro das Malvinas, como destacado na Imagem 06, permitiu que muitos trechos apresentassem deterioração, o que pode provocar acidentes graves, e acaba limitando sua utilização de modo pleno; isso reduz mais ainda as possibilidades que o equipamento público pode trazer para o lazer, a saúde e a segurança na comunidade.

Esse propósito de manutenção também é motivo para mobilização social nas Malvinas, sem deixar de ressaltar o papel desses atores sociais em manter o espaço público juntamente com o poder público e a comunidade. Em um processo de mobilização social, de acordo com Toro e Werneck (2007), a busca pelo bem comum não é um papel necessariamente desempenhado por uma pessoa, como nesta pesquisa pelo presidente da SAB ou do Clube de Mães, é possível que um grupo de pessoas ou instituições estejam desempenhando tal papel con-

juntamente. Outro aspecto destacado pelos autores pertinentes a essa discussão é que os espaços públicos não podem ser confundidos pela sociedade como espaços do governo, o que acarreta a espera das ações governamentais para com o cuidado do que é público, que na verdade deve partir também do coletivo por se tratar de espaços de/para todos.

Essa mobilização coletiva foi observada, nas Malvinas, a partir dos estudos de Miguel e Silva (2007), que apontam as reivindicações conquistadas – a pavimentação e calçamento das ruas bem como a cobertura da rede de canal – foram benefícios conseguidos através dos movimentos organizados da comunidade, liderados pela Associação dos Moradores, Núcleo de Mulheres, Grupo de Apoio Comunitário e Clube de Mãe Master Crister.

É oportuno mencionar que tal referência foi utilizada para fundamentação sobre o cotidiano do bairro, uma vez que, realizamos inúmeras tentativas de contatos e agendamentos para entrevistas com o presidente da SAB, mas todos sem sucesso. Íamos até o local, mas o mesmo nunca comparecia. Da mesma forma que reconhecemos que interesses políticos podem estar envolvidos nestas conquistas, pois muitos dos representantes de entidades comunitárias anseiam cargos políticos.

Retomando as referências de Miguel e Silva (2007), abordam também que, mesmo diante das conquistas, os moradores continuam mobilizados em busca de mais melhorias para a comunidade. Os moradores ainda reivindicam do poder público e autoridades competentes, através do Grupo de Apoio Comunitário, mais ações para o bairro, entre elas a construção do Parque da Criança II³ e da segunda etapa do Canal de Bodocongó⁴, prometida pelo atual prefeito, onde suas obras estão paralisadas. Também reivindicam a manutenção e ampliação dos campos de futebol com quadras de areia, criação de Conselho Muni-

3 O Parque da Criança é o maior parque existente em Campina Grande, com uma área de 6.700 m². Foi fundado em 1993 e se apresenta como um complexo, que abrange equipamentos como pista de caminhada, quadras esportivas, pista de skate, entre outros; também apresenta-se como um ótimo espaço para a realização de eventos recreativos e culturais para a comunidade de todo o município.

4 A segunda etapa do canal de Bodocongó irá beneficiar diretamente a comunidade das Malvinas, pois sua construção seguirá pela linha limítrofe do bairro, dando continuidade a primeira etapa que já apresenta seu trecho final nessa linha periférica.

pal de Segurança para a implantação, no bairro, da Polícia Comunitária, além das exigências quanto ao transporte público.

Uma recente e aparente conquista para as Malvinas foi a liberação de verba para a construção do segundo complexo esportivo da cidade, a Vila Olímpica das Malvinas, que se caracteriza como uma consequência das ações da população bem como do poder público. O projeto, que visa investir na formação social, pretende beneficiar toda a comunidade com a promoção de esporte, saúde e lazer, oferecendo 17 modalidades esportivas. Esse complexo terá a mesma estrutura apresentada no Complexo Esportivo Plínio Lemos, a primeira Vila Olímpica de Campina Grande, localizado no bairro do José Pinheiro, contemplando campo de futebol, piscina para fins terapêuticos e recreativos, pista de atletismo, ginásio com quadra poliesportiva, salas para práticas de artes marciais, pista de skate, quadras de futebol de areia e vôlei. Espera-se que o poder público de fato transforme a liberação da verba numa ação concreta.

Afirmamos então, inspirados em Marcellino (2007), que o lazer, nas Malvinas, tem se tornado objeto de reivindicação relacionado à qualidade de vida no bairro. Focalizemos então, nesse instante, nosso olhar para a reivindicação da construção do Parque da Criança II e da Vila Olímpica, bem como a ampliação dos campos de futebol e quadras de areia para perceber e refletir que a comunidade Malvinas possui um agir para o lazer, mesmo talvez desconhecendo a Constituição Federal que garante o lazer como um direito a todos. Podemos dizer que eles persistem na conquista deste direito independentemente do fato de conhecer ou não a lei constitucional, pois antes da lei, vem um desejo, uma necessidade legítimos da comunidade em desenvolver-se na condição humana e transformar-se socialmente, e para isso investe suas conquistas em moradia, saúde, segurança, e na mesma esfera de relevância, o lazer.

A especificidade concreta do lazer, considerado em sua manifestação na sociedade atual, é colocada como reivindicação social. Portanto, seu significado é bastante diferente do entendimento da Antiguidade Clássica. É uma questão de cidadania, de participação cultural (MARCELLINO, 2007, p. 12)

Destacamos, ainda, que as reivindicações da comunidade e a operacionalização delas por parte do poder público, a exemplo, a criação da Vila Olímpica das Malvinas, trarão grandes avanços para a cidade de Campina Grande no que se refere à gestão e promoção do esporte e do lazer, principalmente considerando as informações do município alusivas a esses mesmos temas, presentes no Suplemento de Esporte da Pesquisa de Informações Básicas Municipais – MUNIC 2003 (2006) que, por sua vez, traz, dentre vários aspectos, um levantamento sobre o conhecimento da quantidade precária dos equipamentos esportivos na cidade de Campina Grande.

A participação de atores sociais no planejamento e execução de políticas públicas de lazer torna-se cada vez mais explícita e urgente, pois são eles que reconhecem seus anseios e projetos de vida coletivos que se materializam nas reivindicações e conquistas nas Malvinas. Afirmam Toro e Werneck (2007, p. 39) que “as pessoas não estão necessariamente de acordo entre si, mas de acordo com alguma coisa, com uma ideia, que é colocada acima dessas divergências”, e entendem que a busca e a conquista do bem coletivo interferem no desenvolvimento humano.

Acreditamos que as Malvinas seja um bairro emblemático para a nossa pesquisa no sentido da palavra comunidade, tratado por Bauman (2003). As Malvinas não se revelam uma comunidade num entendimento romântico, constituído somente de significados e sensações boas, pois esta comunidade, que é humana, não pode realizar a esperança, mas ao mesmo tempo, não deixa de tê-la, considerando as reflexões deste autor. No cotidiano das Malvinas, são identificadas suas tensões comunitárias no sentido de buscar soluções corretas para o lazer, saúde, segurança, etc. A comunidade continua tentando junto ao poder público o bem que julga ser comunitário, considerando a pluralidade de perspectivas e desejos de seus atores sociais.

Bauman (2003, p. 11) afirma que para o dilema entre comunidade e individualidade

[...] uma boa coisa a fazer, contudo, é avaliar as chances e perigos das soluções já propostas e tentadas. Armados de tal conhecimento, estaremos aptos ao

menos a evitar a repetição de erros do passado; ou mesmo tentar evitar ir muito longe por caminhos que podem ser percebidos por antecipação como sem saída.

A festa da invasão: experiências de lazer e cultura

A comunidade de bairro Malvinas completou em março de 2009 seus 26 anos de ocupação. A data de aniversário foi comemorada com diversos eventos, durante uma semana, foram promovidas pela prefeitura da cidade ações que visam o acesso à população de serviços ligados à saúde, educação e cidadania, como as cirandas de serviços e palestras educativas, com a participação das Unidades Básicas de Saúde, das escolas e das entidades comunitárias. Tais ações ocorreram em múltiplos espaços existentes no bairro, entre eles o Mercado das Malvinas, onde se encontra implantado o Espaço Cidadão para emissão de documentos. Ocorrem também manifestações promovidas pelo setor privado, como pequenos shows e patrocínios aos eventos, e pelos próprios moradores e entidades comunitárias, que desenvolvem atividades recreativas.

A festa da ocupação das Malvinas tem como encerramento um grande evento que marca a luta e a perseverança dos moradores da comunidade, que é a 'X Corrida do 26º Aniversário de Ocupação das Malvinas', destacada nas imagens 07 e 08. A corrida, promovida pelo Grupo de Apoio Comunitário (GAC) e Associação dos Moradores, é reconhecida como um dos eventos significativos do esporte no bairro, atraindo atletas pertencentes a cidades circunvizinhas e distritos. Percebemos, então, que a comunidade se organiza para propiciar não somente aos seus moradores uma reunião comemorativa marcando e lembrando o que ela representa como um acontecimento histórico e contínuo de buscas e conquistas por moradia, lazer, saúde, educação, etc.



Imagem 07: Faixa do evento comemorativo e ao fundo partida de futebol com moradores das Malvinas.
Fonte: Arquivo GCEM



Imagem 08: Momento da largada - Pelotão masculino.
Fonte: Arquivo GCEM

De acordo com Rosa (2007), a festa desencadeia uma intensa movimentação de culturas, cuja relevância, no cenário histórico-cultural do Brasil, manifesta-se numa prática que propicia a construção e afirmação de identidades, dentre outras características. Assim como a festa do 'Maior São João do Mundo' promove a afirmação e identificação

da cultura nordestina e o reconhecimento a cidade de Campina Grande pela população, turistas, agências de turismo; o evento da Corrida de aniversário de Ocupação das Malvinas reafirma sua identidade *invasora* de moradia, de lazer, de cultura.

De forma alguma, tal identidade das Malvinas soa, para nós, como algo pejorativo, muito pelo contrário, desde o seu surgimento, o sentido da invasão por moradia tem sido incorporado para outras esferas da vida humana neste bairro, como já destacado nesse texto, e nesse instante, retoma-se para a dimensão da cultura e do lazer.

Dialogando com o pensamento de Silva (2008), essa atitude de invasão presente, nas Malvinas, dá-se no entendimento que o espaço é fruto do modo como seus moradores o utilizam e do aspecto simbólico diante apropriação dos mesmos, surgindo, assim, o espírito de pertencimento, e abrindo portas para os vários tipos de usos e manifestações possíveis de serem realizados. Tais manifestações podem ser situadas como “espaços vividos e vivificados pelas tensões que são próprias do lugar” (p. 98), o que, em nosso estudo, reflete a construção e a incorporação da identidade das Malvinas.

O esporte mais praticado, no bairro, é o futebol. Um breve passeio pelas ruas das Malvinas denuncia este fato, onde campos com uma certa estrutura (com traves e demarcações) e descampados com pedras que marcam as traves, e animais (cachorros e jumentos) no mesmo espaço, são utilizados principalmente nos finais de semana pelos moradores em torneios e amistosos promovidos pela comunidade.

Essa prática se vale desde a época da invasão, onde já no primeiro fim de semana estavam os atletas de domingo no descampado. O primeiro time do bairro foi o “Invasores Futebol Clube” e seu campo ficava onde hoje se encontra o CAIC. Esse time que não existe mais é um exemplo também emblemático, juntamente com a escola de samba “Invasores do Samba” que, por sua vez, expandiu a participação de integrantes de outros bairros, da identificação que a comunidade tem com sua própria história, dando ao termo “invasor” um sentido não depreciativo que revela, na verdade, a própria identidade do bairro das Malvinas e de seus moradores.

Atualmente as Malvinas contam com mais de dez times estabelecidos, onde os que apresentam melhor organização são os “Veteranos” e “10 de Maio”, os quais possuem sede própria, troféus e campos estruturados com grama, traves com redes, demarcações, iluminações, etc.

Como reflexo dessa intensa prática do futebol, no bairro das Malvinas, foi criada a Escolinha Malvinense de Futebol, que se tornou um elemento importante para o desenvolvimento do esporte na comunidade. A mesma foi fundada, em 28 de outubro de 2006, pela Associação dos Feirantes das Malvinas, e conta com um diretor de esportes. A escolinha realiza trabalho voluntário, na comunidade, ensinando às crianças algumas modalidades esportivas; elas têm a oportunidade de participar de torneios de futebol de campo, damas, dominó e voleibol, além de outras atividades de lazer (MIGUEL; SILVA, 2007). Esse é mais um exemplo da ação comunitária em benefício do coletivo, o que promove o desenvolvimento das relações sociais bem como a transformação do indivíduo que faz parte desse processo e do conjunto social que realiza tal iniciativa.

Uma aliada na promoção dos eventos e manifestações culturais que acontecem, no bairro das Malvinas, é a rádio comunitária, que além dessa ação, tornou-se mais um espaço para as manifestações e reivindicações da população do bairro. A rádio foi fundada em, 7 de junho de 2003, e entrou no ar com o trabalho de pessoas da própria comunidade que não tinham experiência, mas, aos poucos, foram se adaptando e profissionais e estudantes de comunicação foram transformando a rádio comunitária um espaço profissional. A rádio comunitária se tornou um elemento a mais na percepção de conjunto do bairro das Malvinas o que, a priori, se caracteriza como uma das funções sociais de uma rádio comunitária. Em seus escritos, Bahia (2008) conclui que ao tratarem assuntos e informes de interesse do bairro, as rádios comunitárias ampliam os vínculos dos indivíduos com a comunidade, contribuindo “para a mobilização social e para a construção da identidade pessoal e coletiva”.

O esporte, nas Malvinas, revela-se como um forte conteúdo cultural de lazer, presente nos eventos, no cotidiano e nas escolinhas esportivas. Mas, não podemos deixar de relembrar as manifestações da dança e outras formas de artes apresentadas, no Mercado das Malvinas,

apontadas anteriormente. Como trata Marcellino (2008), a questão do lazer deve contemplar as múltiplas esferas culturais somadas aos conteúdos culturais do lazer: o esporte, o turismo, as artes, no sentido de formular políticas de atuação, considerando “a abrangência do lazer e seu entendimento parcial e limitado, que pode ser destacado na ação de órgãos públicos, na pesquisa, na legislação etc.” (p. 11).

No que se refere à festa de aniversário das Malvinas, seguindo com a abordagem de Rosa (2007, p. 196-197), pode ser compreendida como um espaço de luta política e de reivindicação, local de encontro de moradores, tempo/espaço de consumo e produção, experiência de lazer, de espetáculo. A festa revela-se como um eixo constitutivo de políticas de lazer, pois sua dinâmica requer

planejamento, programação, organização e estruturação, que proporcionam divertimento, prazer, trabalho, protesto, comemoração, devoção, euforia, transgressão, reinvenção, excesso, criatividade e alegria: elementos que não se apresentam isolados ou em oposição, mas em tensão permanente, por ser a festa um tempo/espaço de ambigüidades. A diversidade pronuncia-se nos diversos tipos festivos, bem como nas manifestações e experiências que abarca, na coexistência e conflito de culturas que se confrontam .

Considerações finais

A comunidade de bairro Malvinas teve um surgimento polêmico desencadeado pela expressão ‘invasão’. O que de início pode soar pejorativo, os moradores foram atribuindo outros significados: apropriação, pertencimento, não somente de moradia, mas também de saúde, malha viária, lazer, etc. Diante da problemática central da pesquisa percebemos que as interfaces entre lazer, educação e saúde reveladas, no cotidiano desta comunidade, possuem fissuras que necessitam de um agir político não de forma linear, mas sobretudo dialógico, participativo, coletivo.

As três dimensões lazer, educação e saúde não dialogam entre si, de uma forma construída, sistematizada pela comunidade e poder pú-

blico. O que se revela, na comunidade, é a apropriação e resignificação dos espaços pelos moradores transformando-os em espaços de lazer.

No bairro, há uma grande quantidade de terrenos baldios que são os principais pontos de vivência do lazer, principalmente nos finais de semana com os jogos de futebol e as brincadeiras das crianças (correr, soltar pipa ou brincar de bolinha de gude). Tais espaços não se configuram inseridos numa política pública, e apesar das reivindicações dos moradores, esses espaços poderiam ser urbanizados, com isso a experiência do lazer seria potencializada.

A extensa rede de canais coletores do bairro, mesmo em estado precário de conservação, comprometendo a relação entre lazer e saúde, é bastante utilizada pelos moradores que caminham e passeiam de bicicleta, é um ponto de encontro e local para momentos de descontração com conversas ou jogos de dominó e baralho. Nesse espaço, há uma interação entre os interesses culturais do lazer abordados por Dumazedier, mas como trata Marcellino (2008), ideal seria que nós tivéssemos vivências plurais com os diversos interesses, e não restringíssemos a uma especificidade de interesse, porém lembra o autor que isso se deve, na maioria das vezes, não por opção, mas por falta de contato, de conhecimento com outros conteúdos.

Os moradores deram sentido lúdico, prazer e tempo livre ao resignificarem o espaço do Mercado das Malvinas e o Giradouro (na entrada do bairro), as encostas de canais coletores, como sendo de lazer, deram o sentido do multifuncional a espaços que não foram projetados para esse fim. Com isso, entendemos que as políticas intersectoriais poderiam trabalhar para configurá-los numa melhor perspectiva para a experiência do lazer. Destaca-se, ainda, no bairro, a quantidade de casas de jogos eletrônicos e *lanhouses*, que advindas com o grande comércio existente nas Malvinas, são também fontes de ocupação dos moradores.

A condição de *invasores* desencadeada, na construção do bairro, persiste no cotidiano da comunidade revelando-se para alguns de maneira pejorativa para outros como identidade. Existe uma atmosfera que inspira o sentimento de pertencimento do bairro, sem com isso, querermos afirmar que seja uma comunidade homogênea desprovida

de conflitos, de divergência, e ao mesmo tempo, sem querermos defender essa homogeneidade, afinal, a comunidade é plural. Porém, o sentido da palavra invasão transcende a conotação pejorativa, para nós, no caso das Malvinas, ela é poética porque cria a estética da comunidade em traçar e buscar formas de atender as suas necessidades urgentes e fundamentais para a vida digna, humana, considerando os interesses individuais e coletivos.

Acreditamos que os representantes, os moradores das Malvinas, de um modo geral, vivenciam de modo singular seu direito à moradia, lazer, saúde, segurança, educação, por isso reivindicam junto aos órgãos competentes, porém a força desta atitude precisa ser somada à política urbana, política de lazer, política cultural e demais setores da sociedade. É oportuno que a administração pública, principalmente, perceba o potencial de lazer existente no bairro, e ao mesmo tempo, as lacunas também existentes, principalmente, no que se refere aos espaços em condições limitadas de uso.

Referências

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. *Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas a produção cultural no período nacional-desenvolvimentista à globalização através da "teoria da ação comunicativa"*. 2008. Tese (doutorado) UNICAMP – Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 2008.

BAHIA, Lilian Mourão. *Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRUHNS, Heloisa Turini. Relações entre a educação física e o lazer. In: BRUHNS, H. T. (org). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Unicamp, 1997.

CHEMIN, Beatris Francisca. *Políticas públicas de lazer: o papel dos municípios na sua implementação*. Curitiba: Juruá, 2008.

GASTAL, Susana. *Imaginário urbano: relendo o texto praça*. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/gastal-susana-imaginario-urbano-relento-texto-praca.pdf>>. Acesso em: 12 mar 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censos Demográficos 1991/2000. 2002.

LIMA, Dália Maria Maia Cavalcanti de. *O espaço de todos cada um no seu lugar: o uso dos espaços públicos destinados ao lazer em Natal*. 2006. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – PPGCS – UFRN, Natal, RN, 2006

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Stephanie Helena. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). *Políticas públicas de lazer*. Campinas: Alínea, 2008.

MELO, Luis Gonzaga. *Campina Grande o desenvolvimento em questão: seleção de artigos publicados na imprensa*. Campina Grande: Gráfica Júlio Costa, 1988.

MIGUEL, Agnaldo; SILVA, Francinete. *Especial Malvinas 24 anos de lutas e conquistas*. Campina Grande, mar 2007. Encarte jornalístico realizado pela prefeitura de Campina Grande em comemoração ao aniversário das Malvinas.

MUNIC – Pesquisa de Esporte 2003. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

NETO, Alfredo Feres; CASTRO, Maíra de Souza G. F. de. Um olhar sobre as relações entre as políticas públicas implementadas pelo Ministério da Cidade e o Lazer. In: SUASSUNA, Dulce; AZEVEDO, Aldo Antonio de (org.). *Política e lazer: interfaces e perspectivas*. Brasília: Thesaurus, 2007.

OLIVEIRA, Iaponira Sales de; SILVA, Mônica Maria Pereira da. Educação ambiental em comunidade eclesial de base na cidade de Campina Grande: contribuição para o processo de mobilização social. *Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental*, v.18, janeiro a julho de 2007.

PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (orgs). *A saúde em debate na educação física*. Blumenau: Edibes, 2003.

PELLEGRIN, Ana de. *Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer*. 1999. Dissertação (mestrado) UNICAMP – Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 1999.

RECHIA, Simone. *Parque públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer*. 2003. Tese (doutorado) UNICAMP – Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 2003.

____. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 91-104, jan. 2006

ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.

SILVA, Débora Alice Machado da. Territórios do lazer: panoramas e reflexões sobre a animação sociocultural. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). *Políticas públicas de lazer*. Campinas: Alínea, 2008.

SOUSA, Bernardete de Lourdes Queiroga e. *A praça André de Albuquerque, Natal/RN, na visão de seus frequentadores*. 2004. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, 2004. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde_arquivos/1/TDE-2006-05-19T000544Z-51/Publico/BernardeteLQS.pdf>. Acesso em: 07 mar 2009.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.